

Resenha

1. DADOS CATALOGRÁFICOS

- 1.1. Autor - Hesse, Hermann
- 1.2. Tradução - Cara, Herbert
- 1.3. Original alemão - Siddhartha
- 1.4. Editor - Editara Civilização Brasileira S.A.
Rua Muniz Barrete, 91-93 - RJ
- 1.5. Redução elaborada por Lothar Baurowitz e Anita David
- 1.6. Relativizações do conteúdo - Em Sidarta, o autor projeta sua insatisfação global perante a vida, buscando libertar-se dos poderes que o aprisionam. A obra concentra-se na DI em busca da DA, evoluindo de uma cosmovisão dicotômica, metafísica, específica, para uma cosmovisão orientalista indiana, unitária, porém, estática e misticista.

2. SÍNTESE

O livro relata a história de Sidarta, filho de Brâmane, desde a infância ara iniciado nos sacrifícios rituais do pai, o erudito, e nos colóquios dos sábios. Com seu amigo Govinda já se exercitava na arte de contemplar, de meditar, de pronunciar o "Om" (presente, passado o futuro. O mundo inteiro pronunciado em uma única sílaba). Já percebia no íntimo de sua natureza, a presença da Atman (a força vital, a personalidade, o eu, a alma, o principio da vida), indestrutível, uno com o universo.

O pai esperava dele um sábio, um sacerdote, um príncipe entra os brâmanes. Era fonte de prazer o de alegria a todos, menos a si mesmo. Seu espírito estava sempre satisfeito, a seu coração angustiado, buscando o átaman. Para encontrá-lo, Sidarta mantinha contato com grande número de venerandos brâmanes, mas principalmente com sou pai, homem puro, letrado, calmo, distinto, digno de reverência. No entanto, ninguém lhe indicava o caminho.

Certo dia, passava pela cidade, um grupo de samanas (ascetas peregrinos, a serviço do cruel aniquilamento de próprio "eu"). Sidarta comunica o desejo de segui-los. O pai resiste, mas diante da sábia insistência do filho, deixa-o partir.

Com os samanas, Sidarta persegue um único objetivo: exterminar-se, distanciando-se de si mesmo, cessando de ser um "eu". Percebe depois que esse esvaziamento é fuga a que outros também a praticam sob as mais diversas formas. Insatisfeito, questionasse sobre o caminho iniciado.

Sidarta o Govinda comunicam ao decano dos samanas sua decisão de abandona-los, para seguirem Buda. Ao entrarem em Savati, identificam logo o Iluminado, pela sua cal ma, serenidade, luz o paz.

Os amigos enchem-se de admiração pelo santo. Depois de ouvirem os seus ensinamentos, Govinda solicita sua admissão ao círculo dos discípulos, e é aceito.

Sidarta despede-se depois de questionar longamente o Venerável. Quer livrar-se de doutrinas e mestras para alcançar sozinho o seu destino. Perde o amigo Govinda, mas encontra-se a si mesmo.

Conclui, através de todas as suas buscas que doravante não mais se autodestruiria, mas aprenderia por si mesmo a unicamente desvendaria aquele segredo que é "Sidarta".

Tudo ao seu redor toma novo colorido, como se enxergasse o mundo pela primeira vez. Descobre a essência e o sentido das coisas no íntimo de cada uma delas. Ele que buscara ler o livro da própria essência, desprezara os sinais e as letras em prol do significado que lhes atribuía de antemão, chamara de ilusão ao mundo dos fenômenos, e considerava seus olhos, língua desprovidos de valor, despertou de fato. Nasceu nova mente.

Considera, então, que qualquer ser humano vive em companhia de outros. Perguntava-se se participaria da existência de outrem ou não. No entanto, prosseguiu distanciando-se do lar paterno. Ninguém estaria tão solitário quanto ele.

Já não buscava o essencial. A vida está em tudo. Há muito, percebera que seu eu e o Atman eram uma e a mesma coisa e tinham sua essência em comum com o Brama (a alma universal, a força eterna, infinita, que cria, a força conserva o mundo). Nunca achou, porém, esse "eu", porque o buscava somente pelo pensamento. Agora, descobre que os pensamentos tanto quanto, os sentidos são coisas bonitas. É preciso ouvir os dois, brincar com eles sem desprezá-los ou superestimá-los. Daí em diante, passaria a ouvir e a aspirar o que lhe sugerisse a voz secreta do seu íntimo.

Teve, então, sonho erótico e despertou para o desejo do sexo, quando encontrou-se com uma rapariga, mas seguiu sua voz interior que o deteve.

Ao aproximar-se das portas da cidade, encontrou-se com Kamala, uma rica senhora, levada por quatro homens num coxim, acompanhada de suas raparigas. Encantou-se pela sua beleza. Conseguiu ter com ela e pediu-lhe que lhe ensinasse a arte do amor.

Kamala fez-lhe, então, todas as recomendações e exigências para que se tornasse digno de aproximar-se dela. Com muita estratégia. Sidarta deixou-se domesticar pelo upaya de Kamala que o iniciou nos requintes do dinheiro e do prazer. Aprendeu também a valorizar-se o que lhe facilitou emprego junto a um rico comerciante Kamasvami, e passou a assimilar a vida dos "homens de bem". Mantinha com todos tratamento de igual. Era atenciosa e acessível a tudo o que lhe comunicavam os homens. No entanto, notava que a verdadeira vida, decorria longe dele sem tocá-lo.

Voltava sempre a Kamala, mas sua insatisfação aumentava. O que a norteava sua vida ainda era a arte de pensar, de esperar, de jejuar. Os homens do mundo, aqueles "tolos", permaneciam estranhos a ele, assim n próprio Sidarta sempre se sentia um estranho em seu meio.

O mundo apanharia nas suas malhas. Foge de si agora através do jogo, no qual empenha somas de dinheiro. Percebe, então, nitidamente o paralelo entre volúpia e a morte. Repassa em sua mente toda sua caminhada. Quer jogar para fora de si aquela vida absurda o livrar-se de si mesmo. Esta saturado, e todavia, insaciável. Depois do último encontro com Kamala, abandona aquela vida o põe-se o caminho: para não mais voltar atrás.

Quando Kamala soube do seu desaparecimento nunca mais recebeu visitas e depois de algumas semanas percebe que está grávida.

Sidarta segue pela floresta. Ao aproximar-se do rio, queda-se de cansaço e tristeza e dorme profundamente. Um mango que o vela, alertas do perigo de dormir naquela região. Sidarta reconhece no monge, seu amigo Govinda. Depois de um diálogo profundo separam-se.

Sidarta permanece, ainda por longas horas, refletindo, seriamente sobre sua vida. Finalmente acoita-se, reanima-se e decide ficar junto ao rio com o balseiro Vasuveda que conhecera em sua juventude. Passa então, a conviver com ele, aprendendo do amigo e do rio, as mais profundas lições e obtendo respostas as suas interrogações.

Atravessavam muita gente que cruzava aquele caminho. Corta voz, monges budistas iam em peregrinação até ao Augusto (Buda) que estava prestes a morrer. Entre os romeiros também ia Kamala com seu filho Sidarta. Ao ser ferida por uma cobra pede socorro aos dois bondosas anciãos, que a socorrem imediatamente. Sidarta e Kamala reconhecem-se mas foi o momento fatal.

O menino sofre a perda da mãe e não aceita Sidarta como seu pai, apesar de todos os cuidados e carinhos que ele lhe dispensa.

Mais uma vez a vida o ensina. Agora, ao transportar os viandantes, compreendemos, sente-se igual a eles porque vivo também a experiência de ser pai. Duvida do alto valor da sabedoria, depois de experimentar o sentimento de amor paterno. Busca sempre Vasuveda para desabafar suas mágoas o preocupações. Juntos ouvem o rio para obterem respostas e tranqüilidade.

Sidarta conclui então, que "todo aquele conjunto, a soma das vezes, a totalidade das metas, das ânsias, dos sofrimentos, das delicias, todo o Bem e todo o Mal, asse conjunto era o mundo" a se conseguisse ouvir todas elas e somar a unidade,

encontraria a perfeição. Quando seu ser incorporou-se nossa unidade, Sidarta deixou de sofrer.

Vasueda despediu-se radiante, deixando a cabana e o rio ao perceber que seu amigo Sidarta descobrira a unidade.

Govinda, seu velho amigo, mais uma vez o procura. Sidarta expõe-lhe longamente suas descobertas e experiências adquiridas pelos mestres da vida: Kamala, Kamasvami, jogadores de dados, seu filho, o principalmente Vasueda e o rio.

Suas experiências podem ser assim resumidas: - O oposto da verdade é igualmente verdade ... uma verdade só poderá ser comunicada e formulada por meio da palavra, quando for unilateral. Logo, as palavras expressam um aspecto da verdade ... Na meditação profunda oferece-se-nos a possibilidade de aniquilarmos o tempo, de contemplarmos, simultaneamente, toda a vida passada, presente e futura. Então tudo fica bom; tudo parado, tudo "Brama". Por isso, o que exista me parece bom. A morte, para mim é igual à vida, o pecado, igual à santidade ... Tudo devo ser como eu. Unicamente o meu consenso, a minha vontade e a minha compreensão carinhosa são necessários para que todas as coisas sejam boas, a ponto de somente me trazerem vantagens sem nunca me prejudicarem ... Isto é uma pedra, mas daqui a algum tempo talvez seja terra, e da terra se transformará numa planta ou num animal, ou ainda num homem., Esta pedra é pedra, mas é também animal, é também Deus, é Buda. Sei amar uma pedra, uma árvore... são coisas, e coisas podem ser amadas. Mas não-posso amar palavras ... Tenho para mim que o amor é o que há de mais importante no mundo. A mim me interessa exclusivamente que eu seja capaz de amar o mundo, de não sentir desprezo por ele, de não odiar nem a ele nem a mim, de contemplar a ele, a mim, e a todas as criaturas com amor, admiração e reverência".

Sidarta transfigurou-se para Govinda enquanto passou a unir-se definitivamente ao Todo, conforme acabara de descobrir.

3. DIAGNÓSTICO DA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO

Em Sidarta o autor projeta sua vida insatisfeita, sua fuga e rebeldia contra os poderes do Estado Religioso e do Estado Civil. Do início ao fim, Hesse mantém no personagem principal. Com uma narração bastante densa, avança diretamente no enredo, dividindo a obra em duas partes: A primeira retrata Sidarta insatisfeito, buscando o Atman com os Sramas. Depois procura Buda, mas este também não o satisfaz. Na segunda, quer apenas ouvir a voz do seu íntimo. Esta exige de Sidarta não apenas o desenvolvimento de idéias e pensamentos. Começa, então, a fazer parte da vida dos prazeres e do dinheiro. Não se satisfazendo, volta mais uma vez à floresta em busca da essência.

Por fim, descobre a unidade e a identidade de todas as coisas: pecado e santidade, sabedoria e loucura, vida e morte.

Em sua ficção de estilo poética a romântico, com descrições vivas o detalhadas, o autor projeta vivências profundas. A narrativa é atraente na qual o leitor se encontra porque envolve o raciocínio lógico, a sensibilidade e a afetividade.

Sem Budismo Indiano traz em si uma grande riqueza dá signos próprios, ligados à filosofia, oriental, muito em voga em nossos dias.

Toda a obra "Sidarta" é um paralelo da vida de Buda o também da vida de Hesse. Mesmo assim, há abundância de paralelismo entre os personagens a entro os fatos da narrativa : Sidarta e buda, Buda e o pai de Sidarta, Kamala e a mulher de Hesse, Sidarta e Francisco de Assis, etc. Usa também simbolismos como sonhos, gaiola de pássaros, rio, ato.

4. DIAGNÓSTICO PELO SISTEMÃO

4.1. COSMOVISÃO

A busca do Atman pelo aniquilamento total. da próprio "eu" evidencia uma cosmovisao orientalista, dicotômica, metafísica, fatalista.

O enredo mostra uma evolução na cosmovisão quando apresenta Sidarta questionando Buda da (recorrência do pai) o deixando de aderir à doutrina. Desperta, tomando consciência do aprisionamento em que se encontrava quando aniquilava-se a si mesmo em busca da essência. Daí em diante não teria mais mestres, senão a si mesmo. Suas buscas seriam o próprio "eu". Já não visaria o além, mas radicaria neste mundo. Não procuraria mais a unidade apenas pelo pensamento, mas a encontraria também nos sinais (sentidos). Ouviria os dois.

4.2. FUNÇÕES MENTAIS

A insatisfação vital do autor faz a obra se destacar como busca constante do "novo" (pensamento criativo). Percebe-se, no entanto, como os condicionamentos (recorrências familiares, cosmovisão, desequilíbrios, mecanismos, etc.) aprisionam a programam as próprias buscas, pelo pensamento lógico subjacente.

Descobre a essência, a unidade e a perfeição em todas as coisas. Cabe-lhe amar o mundo, a si e a todas as criaturas com admiração e reverência. Cré mais nos gestos das mãos, nas coisas do que nas palavras, porquanto as palavras não passam de Idéias, a como tal unilaterais, deturpando o verdadeiro sentido. Idéias não podem ser amadas.

Sua cosmovisão estática o centragem na DI para a vivência do Absoluto justificam a ausência de planos de implantação e divulgação de sua descoberta.

4.3. DINÂMICAS

4.3.1. POTENCIALIDADES

Na primeira parte, o autor enfatiza a simbolosfera na busca do Atman pelo aniquilamento total das potencialidades. Na segunda parte, descobre também o valor dos sentidos. Acredita nas suas potencialidades a desenvolve-as pelo desfrute do sexo da posse, do dinheiro, da amizade, do paladar, da precedência do lazer, da autoconfiança, etc. Mas sofre e angustia-se.

4.3.2. INDIVIDUAL

O enredo focaliza o personagem central numa tentativa de libertação da dependência familiar em que suas atividades consistiam em lidar com deuses e sacrifícios. Quando moço, preocupa-se com o ascetismo, filosofia, meditação, suportando frio, calor, fome, mortificações. Encontra-se depois com Buda e passa a competir com ele, abandonando-o. Sente a percepção da unidade do universo em si e em todas as coisas. Descobre-se profundamente só, mas não regressa ao lar paterno. Pede a upaya de Kamala e graças a ela enfronha-se nas delícias do amor, mas não chega a estabelecer com ela comunhão de igual na globalidade. Continua a competir com o pai na pessoa do comerciante Kamasvami.

Depois de abandonar o mundo maya dos "homens tolos" liga-se fruitivamente ao balseiro, homem simples, compreensivo, silencioso. Ao encontrar-se com seu filho, é-lhe prestado a descobre que o amor é a coisa mais importante do mundo a que ainda não havia amado nada e ninguém.

Sempre fugiu buscando resposta nas pessoas, até que desilude-se ligando-se ao rio.

A mensagem forte que apresenta para o desenvolvimento pessoal é a autocondução na busca da unidade, libertando-se de pai e dos mestres de simbolosfera o de dicotomia.

4.3.3. GRUPAL

O personagem principal contesta o grupo oficial mas não está interessado em atuar como subgrupo natural. Não se relaciona de igual para igual, nem se fixa a pessoas e grupos, mas desliga-se para viver em paz consigo mesmo, liberto dos poderes "espirituais e temporais".

4.3.4. SOBREVIVÊNCIA

A obra subestima a DI e a DA estática e misticista. A DS é preocupação dos "homens tolos" que buscam produzir para ter mais. Basta analisar a situação de fome na Índia, em que as vacas sagradas "passeiam em suas avenidas".

4.3.5. ABSOLUTO

O autor apresenta uma evolução na descoberta a experiência do Absoluto. Inicialmente busca-o no essencial que está além dos objetos visíveis. Depois descobre que o sentido o a essência não está atrás das coisas, mas no interior de todas elas. "A divindade está em ti, não nos conceitos o nos livros". ("Minha Fé" - do mesmo autor) Percebe também a unidade de todas as coisas. Nada o ninguém é unilateral, inteiramente santo ou inteiramente pecador. Todo passado e porvir estão presentes em tudo. O mundo é perfeito a cada instante. A pedra poderá ser terra e esta se transformar numa planta. A planta poderá ser assimilada por um animal ou por um homem. Logo, a pedra é pedra, mas é também homem, também Deus.

Este sentido de eternização no "aqui e no agora", elimina hierarquia de complexificação o convergência. Tudo é perfeito, consequentemente estático. Não há mais "mercado de trabalho" para o ofeitador universal.

4.4. OPERACIONAIS

4.4.1. PAISAGEM

A realização da vida de Sidarta desenvolve-se na Índia, em contato direto com a natureza: matas, sol, rio, balsa. A experiência da cidade teve como saldo o desassossego, a aflição, as lágrimas e a descoberta da afinidade entre a volúpia e a morte.

4.4.2. CRONOLOGIA

A ficção desenrola-se na época de Buda (500 anos A.C.). A obra, porém foi escrita depois da Primeira Guerra Mundial, quando Hesse, fugitivo, viajava para o oriente, em busca da paz e da serenidade. Neste centenário de seu nascimento, **(1977)** foram revalorizadas as suas obras.

Nossa sociedade, saturada pela agitação e pela pressa, passa a buscar e a assimilar a filosofia oriental. Daí a busca intensa das obras de Hesse e outros autores de tendência orientalista, como Gibran Khalil Gibran, Gandhi o outros.

A perspectiva e a multiplicação do métodos de busca de paz o harmonia, como terapia e fuga da massificação da sociedade de produção e de consumo.

A solução apresentada na obra, no entanto, é unilateral. O homem do século XX necessita da contemplação, do desfrute do belo, da perfeição, e de integração harmoniosa na unidade de todas as coisas, mas também não pode subtrair-se a Dinâmica de Sobrevivência com sua Macro Dinâmica de Grupo.

O autor aborda o sentido do eternização. É uma descoberta maravilhosa, porém, relativa, pois justamente por esta descoberta decalca sua visão estática que não concebe operacionais para a implantação mudanças.

4.4.3. PERSONAGENS

A obra enaltece os personagens que se dedicam unicamente ao cultivo do ser na busca do Absoluto, (Sidarta, seu pai, Govinda, os samanas, Buda, seus discípulos, Vasuveda, etc.). Relacionavam-se com as mais místicas, "puras" e gratuitas intenções ajuda mútua.

O enredo enfoca ainda Kamala, a rica cortesã e Kamasvami, o comerciante. Menospreza-os porque são imagens da sociedade de consumo que compete para ter mais e desfrutar dos "prazeres do mundo". Seu filho Sidarta transforma-o num homem que sofre, apaixonadamente de amor por alguém.

4.4.4. PROCEDIMENTOS

4.4.4.1-. AGENDAS

Pela situação dos Personagens apresentados, destaca-se com nitidez a dicotomia dos poderes "temporais e espirituais" deste mundo: sacrifícios aos deuses, escetismo, filosofia, meditação, mortificação, fome, peregrinações, face aos prazeres dos sentidos (sexo, comida, roupa) dinheiro, jogos, posição social, etc. Na obra não aparecem agendas de somatização da unidade descoberta por Sidarta.

4.4.4.2. Símbolos

A obra relativiza os símbolos verbais por expressarem apenas um lado da verdade na busca da unidade.

O personagem busca ler e encontrar a unidade no vida através da voz interior dos fatos, das ações, dos sonhos e em todos os seres, principalmente na natureza, enfocando de modo especial o rio, símbolo forte na filosofia oriental. Enaltece o diálogo, o silêncio, a escuta e a interpretação desses sinais.

4.4.4.3. Praxes

Para Hesse, os diversos métodos que as religiões oferecem: oração, meditação, desprendimento, de si, exploração da consciência, paciência, loga, etc. mostram-lhe que a ação e a mudança acontecem apenas no indivíduo e se aperfeiçoam pela experiência própria e não através de teoremas. Confessa que o que aprendeu de cristianismo na casa paterna não lhe trouxe nenhuma vivência. Daí porque o enredo desperta para valores dos quais não é efetuado, ou seja, não apresenta concretamente caminhos para atingi-los ou divulga-los. Rejeita mestres. "É descoberta pessoal". É próprio do orientalismo deixar acontecer. Ao passo que aos "homens

tolos", fazer acontecer (o cidente, capitalismo). Esta é a razão porque Kamela a Kamasvami foram seus mestres quando enfronhou-se no "mundo".

4..4.4.4. Valores

O princípio triádico aparece no s dois extremos da obra: escotismo versus boa vida, com sua bagagem de valores dicotômicos, defendidos e já citados no decorrer da redução da obra.

A riqueza da descoberta está na síntese, valor máximo, que se constitui, então, em crença e mensagem final que o autor quer transmitir.

4.4.4.5. Crenças

A unidade, a perfeição e a bondade do mundo tal como ele é a necessidade de isomorfisar (igualar) a própria vida com essas realidades, amando o gostando dê fazer, parte delas. Descoberta da oternização, cronosfora, princípio triádico, escuta, interpretação e envovencia na unidade do Todo. Amor como o que há de mais importante no mundo, o crença nas vivências pessoais.

4.4.4.6. Sanções

O personagem adotou a "voz íntima" como bússola para nortear sua vida. Sempre que a olvidou seus detetores o alertavam. Quando encontrava-se numa detumescência ocasionada pelos complexos de culpa, mecanismos de morte, doença, sonhos, etc. Fazia um longo feedback, aceitando-se, reanimando-se a Prosseguindo com mais paz o caminho que lhe sugeria a busca da unidade. O autor evolui também quanto a este principio, pois em 1955, declara que "a nossa consciência é uma instância alta, mas duvida que ela seja sempre a voz de Deus".

Sua descoberta constitui o fim da vida, pois para o autor, na obra, viver é buscar.

4.5. SISTEMAS

4.5.1-. PARENTESCO

O sistema Parentesco não é o alvo das metas do autor. Antes, pelo contrário, foge do mesmo em sua vida e em sua obra, por ser a célula dos poderes que contesta. Quer libertar-se das programações da família, da religião, da sociedade burguesa, dos mestres, pagando o preço por uma vida insatisfeita, calcada na DI. Mesmo assim, objeto jogo triádico que o impele para a comunhão pela iscação do sexo. Não o integra, na globalidade. Rende-se, finalmente, ao afeto paterno que favorece a somatização da unidade procurada.

4.5.2. SANITÁRIO

Não há preocupação pelo cultivo da saúde. Ao contrário, a sanidade física é objeto da aniquilação em busca da essência. No entanto, a despreocupação, a busca da paz, da coerência com próprio "eu" são formas implícitas e indiretas de preservar a sanidade física o mental.

A morte é apresentada como uma transformação e uma incorporação na unidade e na simultaneidade de todos os seres.

4.5.3. MANUTENÇÃO

Alimentação, o vestuário, a habitação, são assumidos conforme a cosmovisão específica dos dois estados. No estado religioso-faquirismo, jejuns, alimentação rústica adquirida pela mendicância, tangas surradas de samana ou de budista, expostas às intempéries do frio e do calor, caba ou sombra de árvore para repousar.

Na sociedade dos "homens tolos" - os mais deliciosos manjares e vinhos, trajes finos, perfumes, sapatos, leite macio, etc. Não apresenta propostas de vivência da manutenção na unidade.

4.5.4. LEALDADE

Na busca da perfeição, só admite o amigo do mesmo sexo para confidências e discussões filosóficas. Os que estão amarrados ao "mundo" buscam furtiva e hermeticamente a amizade e o amor pela bipolaridade sexual, mas censurado pelas programações do maya. Na conclusão da obra, apresenta o amor cronosférico como a coisa mais importante do mundo e a necessidade de amar a todos os seres, porquanto bons e perfeitos, mas não apresenta propostas de operacionalização.

4.5.5. LAZER

O lazer é apresentado apenas como fuga de si próprio. A busca da felicidade não aparece como meta, mas conquista-se indiretamente pela vida austera e penitente e pela coerência à voz do íntimo.

4.5.6. VIÁRIO

O romance apresenta as peregrinações dos samanas e monges, atravessando longas distâncias a pé. As carruagens são próprias das pessoas ricas.

A comunicação oral verbal é intensa, como forma de partilhar os questionamentos filosóficos que são retidos na mente. A comunicação escrita faz-se necessária no "comercio".

Todos os seres comunicam. Mister se faz decodificar-lhes sua linguagem. O silêncio também fala.

4.5.7. PEDAGÓGICO

Na síntese da obra o autor conclui que as convicções pessoais não se adquirem com mestres que comunicam idéias, porque estas são unilaterais, mas com os mestres da vida e com as próprias descobertas somatizadas.

O autor ressalta a elevada cultura oriental da vida dos monges, como forma de encontrar a paz e a serenidade em meio às forças opressoras da sociedade.

4.5.8. PATRIMONIAL

A pobreza e o despojamento dos bens materiais trazem a felicidade. A busca dos mesmos aprisiona.

4.5.9. PRODUÇÃO

A produção material liga-se apenas a obtenção dos bens indispensáveis a sobrevivência. A aprendizagem consiste na arte de jejuar, pensar e esperar.

Junto a Kamala e ao comerciante, Sidarta desenvolve seus talentos, aprendendo a vida amorosa e comercial, exigida para a obtenção dos bens suntuosos.

4.5.10. RELIGIOSO

O enfoque aparece na busca constante do Átman, conforme foi abordado em outros itens. Com sua descoberta da unidade, e relativização, o autor é ecumênico em relação às religiões. Rejeita dogmas. Sua religiosidade não é dedicação a cultos solenes, mas "o respeito ao indivíduo diante do conjunto do mundo, diante da natureza, diante da comunidade humana, do sentimento de pertencer, de ser co-responsável" (Hesse, Minha Fé).

Como foge do Estado Religioso, Sidarta não apresenta formas rituais religionizadas em DI e DG para somatizar a vivência do Absoluto na cronosferização da vivência do amor e da descoberta da unidade, da bondade e da perfeição de todas as coisas.

4.5.11.- SEGURANÇA

A revolta contra o mundo maya motiva uma série de fugas em busca da paz e do sossego que somente encontra na harmonia consigo e com o Todo na sua forma autêntica de ser e de relacionar, à beira do rio.

4.5.12. ADMINISTRAÇÃO

A situação de subgrupo natural é a motivação de suas buscas constantes, meta que persegue sem operacionalizar explicitamente.

O autor omite-se de fazer referência a partidos políticos no DS, porque fugia da guerra e de todas as formas de opressão.

4.5.13. JURÍDICO

Foge a normas e leis, com exceção da única norma que adota: "ouvir sua voz interior e a da natureza (rio) para nortear suas ações".

4.5.14. PRECEDÊNCIA

Desenvolve-se, mantém-se e defende-se o prestígio na sociedade competitiva do consumo e poder. Onde, a hierarquia de valores é outra, não há lugar e nem necessidade desse meio de auto-afirmação. O prestígio está no "grau de perfeição espiritual" atingido.

5 - REDUÇÃO CIBERNÉTICA DO AUTOR

Durante toda sua vida, Hesse buscou sua auto-realização mesmo contra os padrões vigentes. Cedo põe em discussão o Protestantismo, não lhe trouxera vivências. Muito jovem ainda buscou sua autonomia. Fugiu do seminário protestante, onde devia estudar teologia, por não suportar a disciplina rígida daquela instituição. No ginásio revoltou-se contra o ensino nacionalista fugindo para a Suíça. Ai empregou-se numa livraria, começando a escrever. Depois do sucesso de "Peter Comenzind", casou-se com a filha de ricos burgueses suíços. Fugiu também dessa jaula dourada, para viver uma existência solitária na natureza. Ao declarar-se contra o nacionalismo bélico do Kaiser e dos alemães, no começo da Primeira Guerra Mundial, é perseguido, vendo-se obrigado a desistir da cidadania alemã, vivendo na paz das montanhas suíças, dedicando-se à escrita de suas obras.

Toda vida do autor foi uma contínua busca de libertação da dependência familiar. Contesta e foge da casa paterna e de suas respectivas recorrências: Estado Religioso, o Estado Civil, representados pelo: cristianismo, escola, vida burguesa, nacionalismo, etc. em busca de paz para si e para a sociedade.

Percorreu espiritualmente o mundo em busca de credos mais autênticos que os do ocidente. Viajou para a Índia, onde assimilou mais de perto o autêntico Budismo Índio. Viveu duas formas de religião: o cristianismo e o hinduísmo. Esta não lhe foi difícil de assimilar, pois seus pais e avós viveram na Índia a serviço da divulgação do protestantismo, assimilando assim, aquela filosofia de vida.

O autor foi um grande admirador de Gandhi, encontrando nele muita identificação com suas vivências.

Em Sidarta, o autor retrata sua crença, projetando todas as experiências que a existência lhe ofereceu, até descobrir a profunda identidade de tudo o que é vivo:

pecado a santidade, sabedoria e loucura, vida e morte. Seu QR adotado é simbolosfera X cronosfera (teoria X prática) Ser X ter. Hermann Hesse foi um grande poeta por vocação, tornando-se grande romancista e sábio. Não quis, porém ser teólogo. Sua própria vida foi um grande romance. Nesse ano de centenário de seu nascimento (1877-1977) a Editora Civilização Brasileira, está enchendo as estantes com suas inúmeras obras, traduzidas da original alemão, para 35 idiomas. Pelo seu mérito, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1946,

6. PROPOSTA CONCLUSIVA

Hesse quer proteger o indivíduo, torná-lo alerta e capaz de resistir contra dogmas, receitas, programas. Quer aguçar sua consciência e reforçar suas forças anímicas.

A obra mostra que a cosmovisão específica dos dois estados é unilateral, opressora, alienadora, assim como as idéias e palavras também são parciais. Nesse princípio triádico, Hesse descobre a síntese propondo viver na unidade, aceitando e amando a vida somatizada : pensamentos e sentidos, espírito e matéria, bem e mal, pecado e graça verdade e ilusão, passado e devir.

7. APRECIÇÃO CRÍTICA

A ficção é atraente pelo seu estilo poético, romântico filosófico. O leitor encontra-se na obra, que aborda questionamentos e situadas vivências.

Se o autor comunica a unidade, fica em DP e DI na descoberta e vivência do Absoluto. Não oferece propostas de implantação da idéia. Não faz referência a Macro Dinâmica de Grupo e Dinâmica Sobrevivência. Descobre a unidade, porém, estática, perfeita, misticista, carecendo de uní-globalidade.

A mensagem final é apresentado apenas no último capítulo, de maneira muito sintética. Poderia ser mais desdobrada.

8. RECOMENDAÇÕES

O livro é aconselhado para quem necessita conscientizar-se melhor do mundo maya a encorajar-se para uma libertação mais efetiva em termos de autodeterminação.

A quem, possui cosmovisão dicotômica ajuda a descobrir a unidade e identidade básica de todos os seres, o valor da somatização simbolosfera-cronosfera, tempo-espaco, etc. Se o leitor não tiver cosmovisão e QR globais, consciente e endoculturado, pode assimilar a cosmovisão estática, ficando apenas num narcisismo egocentrista.

Aos que vivem em função do maya específico, absorvidos pela MDG ou de DS, servo de conscientização para integrarem a DI e a DA.